

# ROAD TO NOWHERE – SEM DESTINO

um filme de Monte Hellman

com Tygh Runyan, Dominique Swain, Shannyn Sossamon, John Diehl

Um cineasta encontrou a matéria perfeita para a sua obra-prima: a história verídica da bela e misteriosa Velma Duran. Mas ao recriar o cenário trágico da sua morte, o jovem realizador percebe que nada sobre este caso é o que parece...



## Conversa entre o argumentista Steven Gaydos e o realizador Monte Hellman

*Steven Gaydos: Monte, conhecemo-nos há algum tempo. Recordas-te do nosso primeiro encontro?*

Monte Hellman: Escreveste-me uma carta com alguns excertos de prosa e poesia. Sendo eu um iletrado, achei que o melhor talvez fosse agendar uma conversa. Ainda hoje conversamos. Até colaborámos em dois filmes: *Iguana* (1988) e *Better Watch Out* (1989) e agora, duas décadas mais tarde, em *Road to Nowhere*.

*SG: Porque esperaste tanto tempo para fazer outro filme? O que andaste a fazer entre Better Watch Out e Road to Nowhere?*

MH: De quanto tempo dispões? Se quiseres a resposta longa, posso encaminhar-te para o livro *Monte Hellman: His Life and Films*, de Brad Stevens. Se te contentares com a versão condensada posso dizer-te que estive à espera de *Road to Nowhere*. A sério, fui produtor executivo de *Cães Danados* [Quentin Tarantino] e continuei a trabalhar para avançar com muitos dos meus projectos, incluindo *Secret Warriors*, *Toy Soldiers*, *In a Dream of Passion* e *Dark Passion*. Houve também uma série de novos projectos nos quais fui convidado a trabalhar (*Freaky Deaky*) ou desenvolvidos por mim mesmo. *The Second Death of Ramon Mercader*, *White Leopards*, *The Last Go-Round*, *Nothing More Than Murder*, *Red Rain*, *Silver City*, *Fool's Gold* e *Buffalo '66* (que eu estava a construir até o Vincent Gallo decidir que queria ser ele mesmo a realizá-lo), *Boom*, *Spano*, *The Payoff*, *Desperadoes* e *Ghost of a Chance*. Este último estava a andar rapidamente até *Road to Nowhere* o ultrapassar, mas será o meu próximo projecto. E, sempre que tinha algum tempo livre, ia tentando montar o meu livro de cabeceira com algumas fotos minhas, acompanhadas de pequenas reflexões.

*SG: Aproveitando o facto de estarmos a falar dos teus primeiros trabalhos, há temas de A Estrada não Tem Fim ou Cockfighter que ainda ressoam em Road to Nowhere?*

**Festival de Veneza – Leão de Ouro Especial**

**LEFFEST – Lisbon & Estoril Film Festival – Seleção Oficial**

2010 | EUA | 121min | M/12

MH: Acho que o ponto comum é o do herói que por um qualquer motivo é incapaz de comunicar o suficiente com o objecto do seu afecto, para ser capaz de satisfazer o seu desejo de entrega. Mas, sob todos aspectos, *Road to Nowhere* é um território completamente novo para mim. Sinto-me como se fosse o meu primeiro filme e todos os meus trabalhos anteriores tivessem sido meros ensaios.

*SG: Ainda assim Duelo no Deserto, O Furacão e Road to Nowhere são considerados filmes de culto, por muitos cinéfilos. Os mais familiarizados com o teu trabalho podem não reconhecer, à primeira vista, um clássico Monte Hellman em Road to Nowhere. O que te levou a enveredar por uma mudança de estilo tão dramática neste filme?*

MH: Tu, ao apresentares-me um guião com uma mudança de estilo tão dramática. Sou um artista interpretativo, como um maestro de ópera. Tento contar a história que me apresentam o mais fielmente que me é possível, estando sempre dependente da minha própria capacidade interpretativa, naturalmente.

*SG: O argumento que escrevi para Road to Nowhere era sobre um filme a ser feito sobre um "crime verídico" – "verídico" apenas no filme, entenda-se. Em última instância, no entanto, acho que o filme era sobre nós e as pessoas que conhecemos... não concordas?*

MH: Acho que nenhum de nós sabia qual era a história até ela estar na bobine, ou no chip ou no cartão, de acordo com as novas tecnologias. Mas agora vemos que o filme parte de dois extraordinários amigos que viveram duas vidas trágicas. Acho que é irónico que tenhamos feito um filme que é tão sobre o cinema e simultaneamente tão baseado nas nossas próprias vidas e experiências.



*SG: Aliás, a certa altura o filme dentro do filme foi escrito por mim e realizado por ti, explicitamente.*

MH: Isso não acontece frequentemente, acontece sempre. É a premissa clássica dos filmes *noir*: o herói apaixonou-se pelo pássaro com a asa partida que acaba por destruí-lo.

SG: A montagem de *Road to Nowhere* é particularmente notável. Claro que uma parte vem do próprio guião, mas sempre me interroguei sobre o porquê de optares por aquela estrutura. Porquê estruturar o filme de forma tão radical, especialmente após teres feito westerns e filmes de terror que utilizam uma estrutura clássica convencional?

MH: Ambos adoramos aqueles puzzles labirínticos e imprevisíveis ao estilo de Alain Resnais. Aceitei, desde início, o teu argumento não linear, mas fui gradualmente persuadido pela minha brilhante montadora, Celine Ameslon, a condimentá-lo ligeiramente de forma a ajudar o público no seu caminho para a descoberta.

SG: Enquanto estava a trabalhar no guião, fui sempre muito auto-consciente e ponderado para que o filme atraísse deliberadamente atenção para si mesmo. Sentiste-te à vontade com isso?

MH: Fui treinado para nunca fazer nada que pudesse contribuir para afastar o público do filme. O teu guião veio abalar toda a essência dos meus ensinamentos e experiência. Mas quando o filme começou a ser apresentado ao público, fiquei fascinado com o poder da "suspensão voluntária do cepticismo". Fazemos tudo excepto atirar pedras aos espectadores numa tentativa de os/as convencer de que se trata apenas de um filme. E numa questão de segundos eles tornam a ficar completamente envolvidos. Acredito categoricamente que estamos envolvidos no mais poderoso veículo de comunicação alguma vez inventado e que somos, por esse mesmo motivo, moralmente obrigados a levar a sério essa responsabilidade.

SG: Mas houve alguns aspectos específicos do guião que se tenham revelado particularmente desafiantes na rodagem?

MH: Confessaste-me que nunca censuras a tua criatividade, em prol dos custos de produção enquanto estás a trabalhar num guião. Nunca custa nada escrever "Londres" ou "Roma" numa página. Transportar isso para o universo visual transforma-se numa responsabilidade não nossa, mas da produção. Normalmente, os filmes de baixo orçamento como *Cães Danados* (que custou muito menos do que o nosso e já gerou, até à data, mais de 85 milhões de dólares) tentam controlar os gastos ao limitar as filmagens a uma localização. Todos concordámos que a amplitude era um dos aspectos elementares de *Road to Nowhere*, pelo que optámos por manter esse ângulo. É uma decisão que não lamentamos.

SG: Adoro a música, especialmente a de abertura. Como é que escolheste a banda sonora?

MH: Desde que ouvi pela primeira vez "Tonight We Ride" e "Touch of Evil", de Tom Russell, que tinha o sonho de utilizar as músicas dele num dos meus filmes. Ele nunca respondeu a nenhum dos meus telefonemas. Finalmente, como último recurso, enviei-lhe um e-mail e obtive uma resposta em 5 minutos. O resto é história, como se costuma dizer.

SG: O filme ficou muito mais sublime do que alguma vez podia ter esperado. Os planos são, aliás, um dos prazeres de ver o filme. Como é que os descobriste? Quanto deles foram o teu olhar sagaz e quanto temos a agradecer à tecnologia? Tenho a dizer que talvez tenhas amadurecido desde os anos 70, mas continuas fresco e na vanguarda no que toca às novas tecnologias.

MH: Sempre fui muito atraído pelo aspecto visual do cinema, talvez até mais do que por qualquer um dos outros e devo dizer que estas novas câmaras com sensores do tamanho de IMAX têm uma qualidade única. Torna-se quase impossível não captar imagens deslumbrantes com elas. Mas ajuda quando se tem um director de fotografia como o Joseph do nosso lado, juntamente com uma talentosa designer de produção como a Laurie Post. Também ajuda quando se roda o filme em alguns dos mais belos cenários do mundo: as montanhas da Carolina do Norte, o West End em Londres ou o Lago di Garda no norte de Itália, as partes mais ancestrais de Roma... e a minha sala de estar.

SG: A tua filha Melissa esteve muito envolvida na produção de *Road to Nowhere*. Como é que isso aconteceu?

MH: A Melissa apaixonou-se pelo guião e decidimos que já estava na altura de assumirmos o controlo das nossas vidas e não esperarmos que fossem terceiros a dar-nos autorização para fazermos filmes. Estabelecemos um orçamento e quando só conseguimos reunir cerca de metade do valor que tínhamos estipulado, a Melissa decidiu avançar com o projecto, de qualquer das formas. Como seria de prever, ficámos sem dinheiro a meio das filmagens e ela não disse nada a ninguém e, uma vez que já tínhamos pago os bilhetes de avião, decidimos mais uma vez ignorar os obstáculos e seguir em frente. Por ela ter sido uma capitã que se recusa a abandonar o barco, este nunca naufragou. Vacilámos às vezes, mas Deus a abençoe, mantivemo-nos à superfície.



*Road to Nowhere* [...] é enigmático, elíptico e desafiante na sua essência [...]. Escrito por Gaydos e interpretado por Shannyn Sossamon (*How to Make it in America*), Cliff De Young, Dominique Swain e Tygh Runyan, *Road to Nowhere* está para o cinema indie, como *Avatar* está para o cinema comercial: o filme foi integralmente filmado com o que é essencialmente uma câmara fotográfica (uma Canon 5d Mark II), embora tenha a aparência de uma mega produção de Hollywood (*Road to Nowhere* custou menos de 5 milhões, avança Gaydos). “O mais impressionante nesta câmara é que não são necessárias autorizações, uma vez que ninguém sabe que estamos a filmar” disse Monte Hellman, que aos 10 anos fez o seu primeiro pinhole com uma lata de sopa e um maço de cigarros. “Tem a capacidade de filmar em alta definição. Permite-nos filmar 12 minutos de cada vez. O que ainda assim é mais do que é possível fazer em 35 mm; um rolo de 35 mm tem cerca de 10 minutos. É fantástica. E parece uma câmara fotográfica.” [...] Tentar sintetizar o enredo de *Road to Nowhere* não nos vai levar a lado nenhum: um filme dentro do filme, a narrativa inclui ainda um escândalo político na Carolina do Norte, um duplo suicídio e múltiplas identidades e inúmeros *flashbacks*, reviravoltas e piruetas. “Fiquei mesmo obcecada com o guião, a tentar que este fizesse sentido para mim”, confessou Shannyn Sossamon, “o filme era tão louco”. Mas o guião era exactamente como Monte Hellman queria que ele fosse. “É o estilo de filme pelo qual sempre fui atraído”, disse. O que o apaixonou nos excepcionais *A Estrada não Tem Fim* e *Cockfighter* foi o facto de estes serem sobre vidas de jogo”, revelou. “O meu pai era um jogador profissional, pelo que sempre alimentei uma empatia pelo jogo.”



E, no entanto, o seu interesse mais profundo residia noutra aspecto: “embora tente criar histórias o mais realisticamente possível, sempre tive tendência para relatos mais surreais”, declarou. “Sempre fui atraído, por assim dizer, para aquilo que Alain Resnais fez em *O Último Ano em Marienbad*, onde o enredo encaixa como uma espécie de *puzzle*. Adoro manipular o conceito de realidade e misturar a memória com o presente e toda a conjectura de realidade VS fantasia. Este é, portanto, um projecto de sonho para mim.” A realidade de *Road to Nowhere*, que integrará o circuito dos festivais de Outono, incluindo o de Veneza, foi difícil: durante as rodagens na Carolina do Norte ficámos sem dinheiro, mas como já tínhamos os bilhetes de avião comprados, marchámos até à Europa (“Parar”, diz Hellman, “é morrer.”) Melissa, a filha do realizador, conseguiu angariar mais algum dinheiro mas, ainda assim, bastante menos do que era necessário. “O Peter Bard disse-nos que íamos precisar de 12 milhões”, revelou Gaydos referindo-se ao executivo – e antigo editor da *Variety* – que tem uma pequena participação no filme. Filmaram nas ruas de Londres, em Verona, e na igreja de São Pedro em Vincoli, em Roma, em frente ao Moisés de Miguel Ângelo e ao túmulo do Papa Júlio II – sempre sem

autorização. “Pensavam que éramos turistas”, diz Hellman. Shannyn Sossamon disse: “Sabia que o filme seria um desafio, mas confesso que nunca tinha feito um filme em que os produtores fossem tão unânimes e categóricos a declarar o quão completamente falidos estávamos. As partes filmadas na Europa foram as últimas a ser filmadas e estávamos todos extremamente cansados e ficámos instalados num hotel que o Monte adora e que embora muito romântico era do género ‘Oh meu Deus, não dá para andar descalça nesta carpete’.” E tornaria ela a fazê-lo de novo? “Oh, claro”, respondeu em tom sonhador. “Ele já tem um novo projecto, aliás, estamos a fazê-lo juntos.” A devoção que Hellman desperta nos actores parece relacionada com a sua disponibilidade para experimentar. Entre outros seguidores, a atracção reside na incapacidade de incorporar o lado comercial e o interesse em optar por uma delineação mais poética. Por exemplo, *A Estrada não Tem Fim*, claramente um *road movie*, é considerado por muitos como um dos melhores filmes da história do cinema americano. *O Furacão* e *Duelo no Deserto* conferiram um fôlego existencialista aos *westerns* (além de reavivarem a carreira moribunda de Jack Nicholson). *Cockfighter*, também ele um *road movie*, expôs a fascinação de Hellman com a masculinidade e as relações. E *Stanley’s Girlfriend*, que reacendeu a influência do realizador após 15 anos de inactividade, foi um filme de terror informal, transportado à sumptuosidade: como parte da antologia *Trapped Ashes*, o filme sobressaiu como um secretário numa parada de mulas. Gaydos, o argumentista de *Road to Nowhere*, conhece Hellman desde a altura que lhe escreveu uma carta, enquanto fã, há mais de 40 anos, e criou uma história para ele: “Conhecia uma verdade sobre Hollywood”, revelou Gaydos, director da revista *Variety*: “Se eu pusesse outro nome na lista de potenciais realizadores, eles saltariam o nome dele e iriam directos ao outro realizador. Não queria ouvir um ‘Ah, claro o Monte Hellman é um dos grandes realizadores americanos, um génio, um tipo brilhante, um dos grandes cineastas americanos, um poeta, um talento fantástico... *A Estrada não Tem Fim* é uma obra de arte. Mas não será possível encontrarmos alguém com mais credibilidade nas bilheteiras? “. Em 1997, o realizador George Hickenlooper (*Hearts of Darkness*) assinou o documentário *Monte Hellman: American Auteur*. “O Monte editou o meu primeiro filme, uma história de Roger Corman sobre uma guerra civil com vampiros com Billy Bob Thornton e Martin Sheen”, refere Hickenlooper. “Um filme absolutamente terrível de Roger Corman. Mas senti-me honrado que tivesse sido Hellman a montá-lo. Hickenlooper destaca ainda como foi revelador fazer um filme sobre uma “lenda viva”. “Monte estava encantado com o facto de querer fazer um documentário sobre ele”, conta. “A sua humildade e timidez foram provavelmente um obstáculo para a realização dos seus filmes. A sua personalidade é como o seu estilo de filmar. Nada agressiva.” Além disso o conceito de ‘lenda viva’ também não é uma expressão que Hellman goste de ver aplicada a si. “Só fui exposto a esta expressão muito recentemente”, disse com uma gargalhada. “Mas é como receber um prémio de carreira. Recebi um num Festival de Cinema em Chicago e tudo o que consegui dizer foi ‘Não será um bocadinho prematuro?’. Espero que seja prematuro.”

John Anderson, *The New York Times*